



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

UM MURO E MUITOS SIGNOS: REINVENÇÕES SEMIÓTICAS DO ÁLBUM THE WALL (PINK FLOYD, 1979)

Jéssica Ragazzi Balbino¹; Ravel Giordano Paz²

UEMS – Campo Grande – MS. E-mail: jessi.ragazzi.b@gmail.com

¹ Bolsista de Iniciação Científica da UEMS. ² Orientador

RESUMO

Desde o seu lançamento, o álbum duplo *The Wall* tornou-se um dos maiores sucessos da banda inglesa de rock progressivo Pink Floyd, e, apesar de recebido com reservas pela crítica e mesmo pelos fãs, ao longo dos anos passou da categoria de fenômeno musical para a de fenômeno semiótico. Da concepção teatral da turnê do disco, passando pela adaptação cinematográfica de Alan Parker em 1982 e chegando às apresentações do ex-líder da banda Roger Waters quando da queda do Muro de Berlim, em todos esses casos, e ainda em outros, o conteúdo de *The Wall* foi, muito mais do que reconstruído, modificado e reinventado, por vezes com diferenças radicais em relação ao produto original, ou seja, o álbum duplo de 1979. Neste trabalho, propõe-se estudar as principais diferenças estéticas e ideológicas implicadas nessas “reinvenções”, valendo-se sobretudo dos instrumentos da semiótica e explorar o álbum da banda Pink Floyd como uma obra literomusical, bem como os derivados do álbum - O filme e os shows durante a turnê. Compreender os desdobramentos semióticos do signo “muro” desde a edição do álbum é outro desafio proposto, que se baseará no estudo melopoético e semiótico fazendo uso até o presente momento das teorias necessárias para tal compreensão, tais como as teorias de Sociosemiótica de Eric Landowski e os conceitos de Walter Benjamin sobre a história, alegoria, símbolo, entre outros.

Palavras-Chave: Semiótica, Literomusical, Melopoética

INTRODUÇÃO

O estudo de canções possui tanta importância como o estudo de obras literárias. É importante notar que, existem análises semióticas voltadas para objetos oriundos do universo do rock (canções, artistas), como as Uschanov (2013) sobre a canção “Not a second time”, dos Beatles, e a de Santos (2013) sobre Jimi Hendrix a partir da semiótica peirciana. Assim, estudar o álbum *The Wall* (Pink Floyd, 1979) e os desdobramentos artísticos que o álbum resultou, embasando-se nos estudos teóricos de semiótica, resultaram em um novo olhar sobre a obra *The Wall*, deixando de lado a visão do álbum como entretenimento e passando a vê-lo como objeto de estudo e possuidor de significados extremamente profundos e amplos que merecem ser explorados.

Segundo Walter Benjamin (1987, p. 192) “para as massas, a obra de arte seria objeto de diversão, e para o conhecedor, objeto de devoção.” Para melhor compreensão do álbum, do drama apresentado em sua narrativa e todos os demais acontecimentos concentrados nas versões de *The Wall*, faz-se necessário a retomada histórica, desde o surgimento da banda, até o álbum em questão. Para Walter Benjamin, através de experiências individuais e de acontecimentos obtêm-se a história, remontada sob fragmentos.

Guy Corrêa, autor do prefácio à edição brasileira do livro *Nos Bastidores do Pink Floyd*, diz que nenhuma banda de rock deixou tamanho legado imagético, e o resultado de suas imagens estáticas e em movimento não refuta a coerência estética, e Alexandre Callari, autor da mensagem ao leitor brasileiro do livro já citado, reforça a afirmação de Corrêa, de que as obras do Pink Floyd sobrevivem à inexorável passagem do tempo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Aliado à exploração do álbum *The Wall* e seus desdobramentos, foi iniciado o conhecimento teórico de Semiótica e Sociossemiótica, e uma leitura intensiva dos estudos de Walter Benjamin acerca das questões de narração, obra de arte, alegoria e signo, história e outros – visto que Walter Benjamin é um autor rico em estudos, assim como *The Wall* possui uma riqueza de detalhes e informações à serem explorados. Também foi realizado um levantamento dos estudos sobre o álbum *The Wall* (artigos científicos publicados em anais de congresso) e após a leitura destes textos teóricos e estudos relacionados a pesquisa, houve o levantamento de algumas questões e discussão das mesmas entre orientador e orientanda nas reuniões de orientação.

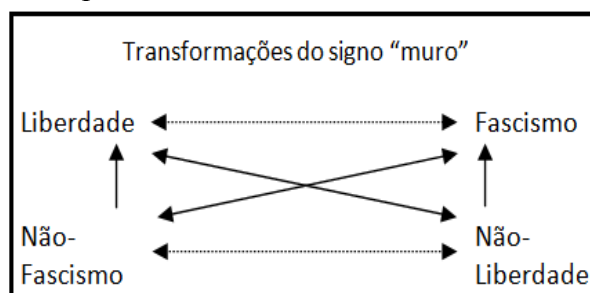
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Basicamente, a história do álbum conceitual *The Wall* retrata a vida do personagem Pink, que desde criança sofre com a morte do pai, ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, em batalha. O personagem, que sofre as consequências de crescer sem a presença do pai, ainda tem uma mãe super protetora, problemas com a educação extremamente autoritária e ao atingir a fase adulta, tem problemas em seu relacionamento. Ao descobrir a traição de sua esposa, Pink se isola do mundo e depois de algumas cenas de profunda depressão, se torna um ditador.

Após isso, se condena a “derrubar o muro”, como punição as coisas ruins que fez, e se expor aos seus semelhantes. Em ilustração a tudo isso, tem-se imagens de vermes com características humanas, figuras bizarras, que estiveram presentes na ilustração do álbum, nos shows (como bonecos gigantes) e no filme. Após as leituras dos textos teóricos e discussões, foi possível entender a diferença entre alegoria e símbolo, e identificar – através das teorias de Walter Benjamin – que a presença da figura do muro, que se faz presente na capa do disco, nos shows em turnê, no filme, nas canções e até no próprio nome do álbum (*The Wall*), não é mera ilustração do álbum ou está presente por acaso.

O muro é a alegoria da narrativa, que reúne tijolos, bem como a narrativa reúne problemas e acontecimentos que vão se acumulando até culminar no isolamento do personagem principal. Ou seja, o muro é a expressão da ideia central da obra, assim como “[...] a alegoria não é frívola técnica de ilustração por imagens, mas expressão, como a linguagem, e como a escrita.” (BENJAMIN, 1984, p. 184)

Em suma, aplicados a cada um dos eventos mencionados, os esquemas semióticos serão importantes instrumentos para compreendermos as transformações do signo “muro”, de modo que será possível localizar suas transformações em um quadrado semiótico semelhante a esse, contrastando a ânsia de liberdade geralmente tributada ao rock com os rumos fascistas tomados por Pink:



Ao trabalhar com a morte do pai do personagem, a guerra e a queda do muro - o que sugere a morte do “antigo” personagem tirano e melancólico e o renascimento de outro, o que se espera que seja diferente – o narrador trabalha com o que há de mais humano e verdadeiro. Segundo Walter Benjamin (1987, p. 208), “a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural”. Outra questão que Benjamin enfatiza em sua obra *O Narrador* é perda da experiência, que está relacionada às experiências traumáticas e foi notoriamente percebida na Guerra Mundial. “*É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. Uma causa deste fenômeno é evidente: a experiência caiu em conotação*”. (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Assim, experiências traumáticas que não contêm sentido em si mesmas geram representações fragmentárias de sujeitos em busca do sentido da existência, algo extremamente presente na obra *The Wall*. No álbum, no show e no filme observa-se o uso dos recursos imagísticos ilimitados. “*A expressão de cada ideia recorre a uma verdadeira erupção de imagens, que origina um caos de metáforas.*” (BENJAMIN, 1984, p. 195), onde a estrutura e o detalhe estão sempre onustos de história. Vermes com características humanas, martelos que marcham, entre outros, sofrem um processo de personificação alegórica para representar a primazia das coisas sobre as pessoas, do fragmentário sobre o total, humanizadas para representarem o processo de desumanização. Estas ideias estão bem presentes no show, enquanto os vermes em forma de bonecos gigantes passeiam pelo palco, e no filme e forma de animação.

A produção científica e a experiência de participar de um congresso de estudos do rock foi um resultado de grande importância que contribuiu para a minha vida acadêmica, e além disso, ser capaz de reconhecer um álbum de canções como objeto de estudo e obter conhecimento teórico aplicável ao estudo e trocar conhecimento durante as reuniões do grupo de pesquisa e de orientação.

CONCLUSÃO

Não há dúvidas que há em *The Wall* diversos fenômenos semióticos passíveis de análise, e nestes fenômenos estão concentradas características alegóricas da era barroca. Bem como a história da banda, formada sob ruínas, o drama da narrativa do álbum e

suas versões estão sempre em constante movimento e sempre sendo construídos através dos fragmentos, e segundo Benjamin “[...] é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo, através da estrutura alegórica.” (BENJAMIN, 1984, p. 208). Ultrapassam o tempo, marcam a história. As palavras de Richard Wright, no documentário *Behind the Wall* comprovam a marca de *The Wall* no tempo, quando afirmam que ao escrever a história dos shows de rock, *The Wall* será considerado um show singular.

Agradecimentos: Ao apoio da UEMS/FUNDECT – MS, Brasil, pela bolsa PIBIC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre a literatura e a história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Origem do Drama Barroco Alemão.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

BLAKE, M. **Nos Bastidores do Pink Floyd.** São Paulo: Évora, 2012.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida: ensaios de Sociossemiótica.** São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MARTUCCI, M. D. **Dialogismo e tradução intersemiótica em Pink Floyd – The Wall: luto e melancolia na Inglaterra do Pós-guerra.** Dissertação de Mestrado. UFSCar. São Carlos, 2010.

MILLER, G. **Veja como é feito o ‘palco-muro’ do show de Roger Waters.** (Matéria no site G1, datada de 24/03/2012) Disponível em: <http://g1.globo.com/poparte/noticia/2012/03/veja-como-funciona-o-palco-muro-do-show-de-roger-waters.html>. Acesso em 13 de Agosto de 2013.

SANTOS, Felipe Durán Valiñas Gaspar dos. **Jimi Hendrix sob perspectiva semiótica.** In: Semeiosis. São Paulo: USP [sem data de publicação original]. Acesso em 15 de Abril de 2013.

USCHANOV, T. P. **"Not a Second Time": a Study in Rock Semiotics.** [Versão revisada de artigo publicado originalmente na revista *Minerva Pölö*, da Universidade de Helsinki, em 1996.] Artigo disponível em <http://www.helsinki.fi/~tuschano/writings/beatles/>. Acesso em 15 de Abril de 2013.

FILMOGRAFIA

BEHIND the Wall. Direção e Produção de Bob Smeaton. Reino Unido, 2000. GMG Endemol Entertainment.

PINK Floyd The Wall. Direção de Allan Parker. Produção de Alan Marshall. Reino Unido, 1982. Produtoras: Goldcrest Films International, Metro-Goldwyn-Mayer e Tin Blue. Distribuição: Sony Music.